

## APRESENTAÇÃO

### **Dossiê: Marxismo e feminismo no debate de gênero e sexualidade**

Vinte e seis dias após a abertura da exposição *Queermuseu*, em Porto Alegre, as denúncias de blasfêmia, apologia à zoofilia e à pedofilia fizeram com que o promotor do evento encerrasse prematuramente a exibição. O país que, até então, havia sido tomado pelas cotidianas e repetitivas manchetes de corrupção, voltou a quase totalidade de sua atenção para uma exposição que se auto-denominava *queer* – e assim o fez na mesma semana em que o procurador-geral da república apresentaria sua segunda e última denúncia contra o presidente em exercício. Seguiram-se então uma série de acusações semelhantes: o Museu de Arte Moderna, em São Paulo, sofreu fortes ataques nas redes e mídias, bem como nas declarações de autoridades políticas, pela exibição de uma performance em que um artista nu tinha seu corpo manipulado pelo público; um juiz vetou a exibição de uma peça teatral, em Jundiaí, que nada mais era do que um monólogo de Jesus interpretado por uma travesti; em Campo Grande, a Polícia Civil, a partir de uma queixa de deputados estaduais, apreendeu um quadro na exposição *Cadafalso*, que abordava a questão do machismo e da violência contra as mulheres. O quadro chama-se *Pedofilia*, representa uma denúncia à pedofilia e traz a inscrição: “o machismo mata, violenta e humilha”. Contudo, o delegado da Polícia Civil teve o “peculiar” entendimento de que era a obra que fazia apologia à pedofilia; mais recentemente reivindicações e petições exigiram o cancelamento do debate sobre democracia, no Sesc Pompéia, em São Paulo, por conta da presença de Judith Butler, que suposta e ironicamente seria a grande promotora das “ideologias de gênero”.

O atual momento de crise política e econômica tem sido um insumo importante na semente das ideologias conservadoras. Essa ofensiva “fiscalizadora” nas artes é apenas uma das facetas da reação conservadora que se constituiu contra certa visibilidade das lutas relacionadas às questões de gênero e de sexualidade dos últimos anos.

Ao mesmo tempo, a maior visibilidade do tema tem contribuído para despertar o interesse teórico e político no debate sobre sexualidade e gênero e que vem ganhando espaço nas análises marxistas. Cabe reconhecer que a discussão do marxismo sobre esse debate não é nova. O marxismo sempre participou das disputas que alimentam tais questões e, ainda que de maneira controversa (por muitas vezes apresentar leituras economicistas sobre o tema), o feminismo marxista foi uma das principais correntes que embasaram o desenvolvimento das análises sobre as relações de gênero e sexualidade a partir dos anos 1970. Por outro lado, é verdade que esses temas também foram muitas vezes desconsiderados ou mesmo deslegitimados por outros intelectuais, pesquisadores e militantes marxistas cegos às questões relativas à sexualidade e ao gênero. Assim, a análise marxista silenciou sobre vários pontos e temas desse debate.

Acreditamos que o presente dossiê pode contribuir com o enfrentamento de algumas dessas lacunas na teoria marxista brasileira. Isso na medida em que selecionamos alguns trabalhos que expressam a recente emergência de pesquisas que, a partir de preocupações diferentes, mobilizam a teoria marxista para analisar as relações de sexualidade e de gênero considerando o capitalismo e as relações de classe. A seleção dos textos que seguem procurou captar a diversidade de temas e de objetos. Ao mesmo tempo, as análises partem e/ou mobilizam diferentes perspectivas e instrumentais teóricos tanto do marxismo como do feminismo.

Nas referidas pesquisas, o diálogo com o feminismo tem sido fundamental para a construção de uma análise que não desconsidera a historicidade do conjunto das relações sociais. Ao mesmo tempo,

esse diálogo tem obrigado a considerar que as relações entre “sexo”, gênero e sexualidade são múltiplas, extremamente complexas e intimamente políticas. Elas, contudo, nunca se expressam em um vazio social. Estão imbricadas em diversas outras relações: economia (e classes), educação, moral, direito, arte, religião, política etc. Em um nível mais abstrato, demandam reflexões sobre agência e estrutura, indivíduo e sociedade, natureza, dominação, ideologia, epistemologia, corpo, história, hegemonia, práxis, linguagem, e um longo etc. Em suma, mobilizam as diversas e conflitantes perspectivas e temas da filosofia e das ciências humanas.

Nesse sentido, as intervenções de Susan Ferguson, Cinzia Arruzza, Rafael Toitio e Jules Falquet, nesse dossiê, sob diferentes perspectivas, interpretam as possibilidades de cognição das complexas articulações do gênero no interior das múltiplas relações sociais. Ferguson, em *Feminismos interseccional e da reprodução social: rumo a uma ontologia integrativa*, reivindica o feminismo da reprodução social e, ao mesmo tempo, argumenta sobre a necessidade de ir além da articulação gênero/classe presente nas primeiras teorizações dessa corrente. Assim, inspira-se criticamente no feminismo interseccional defendendo, todavia, uma ontologia integrativa que identifique, explicitamente, as forças sociais que inftem nas diversas relações sociais. Por sua vez, o artigo *Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos*, de Cinzia Arruzza, a partir ainda da perspectiva do feminismo da reprodução social, critica as teorias de sistemas duplos e triplos e responde às caracterizações de funcionalismo e determinismo biológico ou econômico imputadas ao feminismo da reprodução social, retomando e esclarecendo os conceitos marxistas de produção e reprodução.

Em um *Marxismo transviado*, Rafael Toitio se propõe a refletir sobre como o marxismo pode contribuir para a análise das relações de gênero e sexualidade, em diálogo com algumas categorias e perspectivas da teoria pós-estruturalista. Seu ponto de partida é o questionamento da ideia de que a luta pela diversidade sexual

e de gênero é uma luta particular e identitária. Depois, faz alguns apontamentos sobre uma análise marxista das articulações entre as relações de poder e das estratégias políticas que podem contribuir para o avanço das lutas de sexualidade e gênero. O artigo de Silvia Federici *Notas sobre gênero em O Capital de Marx* aborda como essas limitações sobre o gênero apareceram no volume I d'*O Capital*. Remontando ao estudo recente de Heather A. Brown, Federici lembra que “Marx não tinha muito a dizer sobre gênero e família”. Não obstante, ainda que suas considerações diretas sobre a questão fossem problemáticas, a perspectiva teórica marxiana contribuiu para a teoria feminista. Por um lado, a autora mostra que as análises de Marx, desde uma perspectiva masculina, naturalizaram o trabalho doméstico e idealizaram o potencial do trabalho industrial como nivelador das desigualdades sociais; por outro, elas foram submetidas, durante a década de 1970, a uma reconstrução pelas feministas, o que levou a teoria marxiana para além de suas limitações.

Também em diálogo crítico com *O Capital* e resgatando a questão da reprodução social, Jéssica Menegatti em *Teoria da dissociação-valor: análise da mercadoria e hierarquia sexual* apresenta a teoria da filósofa alemã Roswitha Scholz. O texto de Menegatti, seguindo Scholz, argumenta que para que a forma-valor se generalizasse foi necessário a dissociação de elementos da esfera da reprodução social como o trabalho doméstico, o cuidado e as “sentimentalidades” atribuídas à mulher junto a outros pressupostos pejorativos como uma suposta debilidade para o pensamento racional. O anverso dessa relação seria o homem enquanto protagonista do mercado e da forma-valor, a quem estariam atribuídas a força e uma suposta racionalidade. Roswitha Scholz e a teoria da dissociação-valor aparecem também como referências fundamentais – junto a outros autores clássicos como Angela Davis e John D’Emilio – em *Sexualidade e disciplina do trabalho na ordem social burguesa*, de Pablo Biondi, que busca a compreensão das maneiras através das quais a ordem social burguesa constringe a sexualidade humana.

No texto de Patricia Laterra e Agostina Constatino *La teoría marxista de la dependencia desde una mirada feminista: un análisis sobre las leyes sobre aborto en el mundo*, a relação entre capital e controle do corpo feminino reaparece a partir de uma chave mais concreta e duplamente crítica. Por um lado, ao assumirem a perspectiva da teoria marxista da dependência, as autoras indicam os limites do marxismo ortodoxo em interpretar a realidade latino-americana. Por outro, reconhecem também as limitações da própria teoria marxista da dependência em pensar a inserção latino-americana na acumulação global do capital desde uma perspectiva feminista. O esforço das autoras, assim, procura ir além dessas limitações refletindo sobre as possíveis relações entre tal acumulação e as legislações sobre o aborto em diversos países. Em *A tecnociência pós-moderna e o trabalho de cuidado*, Ariel Salleh, a partir do ecofeminismo, polemiza com as teóricas da pós-modernidade, contrapondo-se, sobretudo, aos posicionamentos de Donna Haraway sobre as questões da “mulher”, da “natureza” e do “trabalho”, desde uma perspectiva situada que se abre às lutas e às especificidades das mulheres do Sul global e a uma re-identificação com a natureza.

Se as políticas e as resistências diversas atravessam, direta ou indiretamente, todos os textos do dossiê, dois artigos em especial concentram-se mais detidamente nesse terreno. Peter Drucker mobiliza em *A normalidade gay e a transformação queer* uma reflexão concomitantemente histórica, teórica e engajada, para discorrer sobre as vitórias e as derrotas dos movimentos LGBTI, argumentando que nos países onde as conquistas foram maiores, uma homonormatividade consolidou-se junto ao neoliberalismo. A resposta de Drucker a esse processo – que criou uma normalidade gay e marginalizou dissidências de gênero – propõe o desenvolvimento de uma teoria que se inspire na resistência *queer* e inclua ainda o feminismo marxista, não eurocêntrico e anti-economicista. Já Leonardo Nogueira, em *Hegemonia heterossexista, lutas antipatriarcais e partido político: introdução ao debate teórico*, desenvolve uma reflexão sobre a relação entre as lutas

antipatriarcais e o partido enquanto instrumento potencialmente universalizante das lutas sociais.

Na interessante entrevista *Materialismo feministas, crise do trabalho assalariado e imbricação das relações sociais estruturais*, que foi originalmente publicada pela revista marxista belga *Cahiers du GRM (Groupe de Recherches Matérialistes)*, Jules Falquet fala dos trabalhos e análises que vem desenvolvendo. Aborda as contribuições da corrente teórica da qual faz parte, o feminismo materialista francófono, as diferenças deste com o marxismo “ortodoxo”, as complexas relações entre gênero, classe e raça, entre outras questões. O dossiê se encerra com a resenha de Humberto Bersani e Letícia Ferreira da Silva do livro *Sem Maquiagem* de Ludmila Costhek Abílio. A resenha procura expor os pontos fundamentais da pesquisa da autora sobre o trabalho das revendedoras da Natura. A investigação parte do diálogo entre sociologia do trabalho e economia política, para explorar os atuais aspectos e especificidades do “mundo” do trabalho sob a perspectiva da condição das mulheres trabalhadoras.

A presente edição dos *Cadernos Cemarx* é fruto de uma grata surpresa. Como na edição anterior, inicialmente havia sido planejada como um número formado por artigos em sua seção livre e por um dossiê sobre um tema específico. Entretanto, a quantidade de contribuições recebidas para o dossiê, de autores e autoras nacionais e internacionais, nos surpreendeu positivamente e optamos por transformar a décima edição dos *Cadernos* em um número especial sobre o tema.

Boa Leitura!

Mariana Shinohara Roncato  
Murillo van der Laan  
Rafael Dias Toitio